

+mmuseu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 20 - maio/outubro 2019

Editorial

No presente ano, comemoramos 30 anos de investigação e divulgação de conhecimento historiográfico em Ordens Militares, sob organização do Município de Palmela. A realização, entre 12 e 16 de junho, do VIII Encontro sobre o tema, com 68 comunicações de vários pontos do mundo e mais de uma centena de participantes, confirma a notoriedade internacional de Palmela neste campo e o contributo da iniciativa, ao longo de três décadas, para o progresso do conhecimento que temos, hoje, sobre Ordens Militares e a sua influência na nossa História e identidade. A iniciativa permite homenagear um conjunto de investigadoras/es que, desde o primeiro momento, tem colaborado na iniciativa e prestar tributo à influência de Agostinho da Silva e de várias/os técnicas/os da autarquia que estiveram na génese deste importante trabalho.

Porque falamos em identidade, Palmela é, também, Música e no âmbito do trabalho de investigação que tem vindo a ser desenvolvido para enquadramento de uma candidatura à Rede das Cidades Criativas da UNESCO, na área da Música, o Município organizou a exposição *Paisagem Sonora – A Gaita de Fole*, patente em Arraiados, Pinhal Novo, no Museu da Música Mecânica. Esta entidade cultural privada foi premiada, pelo terceiro ano consecutivo, pela Associação Portuguesa de Museologia, o que saudamos, cientes da importância deste reconhecimento para o concelho.

Continua, entretanto, a decorrer a denominada «Intervenção de natureza estrutural para evitar derrocadas nas encostas do Castelo de Palmela», apoiada pelo POSEUR, que vai além da determinante preservação estrutural geológica do morro. Como se pode verificar no artigo do arqueólogo Luís Filipe Pereira, decorrem trabalhos arqueológicos de acompanhamento da empreitada e essas ações de caráter preventivo e de salvaguarda dos contextos arqueológicos associados ao monumento apresentam resultados surpreendentes da cultura material, que irão enriquecer o conhecimento do período medieval da fortificação.

Como suplemento do presente número, encontramos o texto da conferência proferida em 2018, pelo historiador Diogo Ferreira, para assinalar o centenário do final da Grande Guerra. Promovida pelo Município, esta conferência conferiu enquadramento regional e deu rosto aos homens de Palmela e Setúbal que participaram neste encontro mundial.

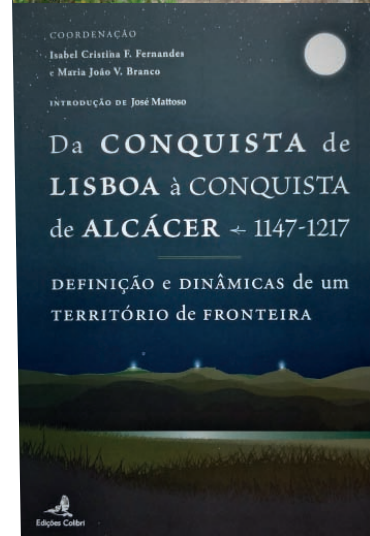
A chegada do tempo mais quente convida à descoberta e fruição do nosso património e, além das festividades e eventos promovidos pelo Município e entidades parceiras, fica o convite para desfrutar das visitas guiadas mensais, realizadas ao longo do ano pelo voluntário do Museu Municipal, Dr. António Lameira, e saber um pouco mais sobre o Castelo e o Centro Histórico de Palmela.

Sejam muito bem-vindas/os!

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



Em investigação

Percursos da Gaita de Foles no concelho de Palmela (parte II)

O Grupo de Gaiteiros do Círio dos Olhos d'Água

Em Palmela, os grupos de gaiteiros dos Círios à Nossa Senhora da Atalaia têm sido, ao longo de um tempo extenso, paisagem musical da gaita de foles. Hoje, cabe aos Círios dos Olhos d'Água e da Carregueira manter viva esta sonoridade ¹.

O Círio dos Olhos d'Água ² foi fundado em 1854, durante os violentos ataques de pandemias do século XIX, que tiveram forte incidência nesta região ³. Perante este cenário de crise epidémica, não é difícil adivinhar o estado de temor em que vivia a população.

«A promessa é só a gente ir à Atalaia e mandar nove dúzias de fogo, depois dar três voltas ao cruzeiro, é para ir à igreja e vir para casa. Aliás, vir para casa, para a casa do Círio. Pronto, e aí está a promessa paga. Agora isto são tudo coisas que foram inventadas ⁴.»
(entr. José Ratinho, diretor do Círio, 2017)

Embora com alterações ⁵, este Círio cumpre em cada ano um conjunto de etapas cronologicamente definidas que constitui a Festa da Nossa Senhora da Atalaia. A música é elemento essencial em todas as fases. O seu grupo de Gaiteiros é composto, atualmente, por quatro músicos (gaita de foles, clarinete, bombo e caixa) ⁶. É a ele que cabe a primazia nas performances culturais; é ele que, através das exibições nos vários palcos, representa o Círio e assinala o calendário da Festa.

«Os gaiteiros são contratados para desempenhar um papel na grande performance que é o ritual dos Círios, a qual engloba o cumprimento e repetição de um vasto conjunto de passos constitutivos (...), assim como procedimentos destinados a garantir a sobrevivência da instituição e assegurar os vínculos que definem a comunidade.»
(Pestana e Ribeiro, 2014: 167 – 68)



Passagem do Círio dos Olhos d'Água, pela Casa do Círio da Carregueira, na segunda-feira de manhã. Atalaia, agosto de 2016.

A sua primeira função é a de proceder ao peditório que se realiza durante, aproximadamente, duas semanas ⁷. O peditório inicia-se de manhã e termina ao final do dia. As honras são feitas pelo porta-bandeira e pelo escrivão. Os gaiteiros vão tocando ao longo de quase todo o percurso. O aproximar de cada casa (só param em casas predefinidas) pauta o início de uma música que é concluída, esteja ou não a pessoa para recebê-los ⁸.

O peditório termina na quinta-feira que antecede o último fim-de-semana de agosto. Embora a Festa se inicie na sexta-feira, o Círio - por círio, aqui, entendemos as imagens sagradas, as bandeiras, os gaiteiros, o cavallinho e os romeiros - parte para a Atalaia no domingo de manhã, em procissão. No local de encontro são lançadas nove dúzias de foguetes. Durante o trajeto, tanto o Cavallinho como os Gaiteiros estão permanentemente a tocar. Nesta Festa, cada Círio tem uma Casa própria onde existem um ou mais altares com a imagem da Santa, e onde se desenrolam parte das práticas performativas: refeições, bailes e leilão. Nesse domingo, a imagem é colocada no altar da Casa do Círio e dá-se início à refeição coletiva. O baile inicia-se ao final da tarde, após a procissão, e prolonga-se até à arrematação das bandeiras e das imagens. Cabe aos gaiteiros pautar o leilão, estimulando as arrematações.

«Fazes a arrematação das bandeiras com os gaiteiros a tocar lá dentro da sala (...) A pessoa que está a leiloar é que manda a gente tocar um bocadinho, depois manda parar: “fulano tal é tanto, é tanto... vai lá mais uma gaitada”; como diz o outro. Pronto, a gente toca mais um bocadinho e está-se ali ... vai começar, normalmente é sempre aí por volta das nove e meia, dez horas, e vai até quase à meia-noite.»
(entr. José Ratinho, diretor do Círio, 2017)

Os gaiteiros voltam a apresentar-se na segunda-feira de manhã para a visita às casas dos outros círios e a passagem pela Fonte Santa. Em cada casa, a pessoa que transporta a bandeira do círio visitante encosta-a à bandeira do círio visitado, enquanto os gaiteiros tocam uma ou duas músicas, seguida do «Parabéns a você». O momento é ainda assinalado por uma refeição ligeira. Cerca das 18h, os gaiteiros voltam a reunir-se para a romaria de regresso. Na igreja de Pinhal Novo aguardam algumas dezenas de pessoas que vêm assistir às três voltas ao templo. Cabe ao Cavallinho ⁹ a música que os acompanha. A Festa termina com a entrega da imagem e da bandeira às pessoas que as arremataram, com a presença dos gaiteiros. Serão elas as guardiãs, durante um ano, destes atributos. A noite encerra com uma última refeição ¹⁰. Cabe aos gaiteiros a primazia nos momentos mais determinantes da Festa, e na mediação com os outros Círios, o que demonstra a sua importância neste acontecimento. A música é elemento que assegura a sua continuidade.

Para além da marcha devocional, o repertório deste grupo de gaiteiros é composto por músicas populares, antigas e recentes, que os músicos aprenderam, sobretudo, de ouvido nos mercados, na rádio e na *internet*. São sonoridades que circulam e se multiplicam em cada festa e romaria do país. É observável «um dinamismo que atualiza os repertórios musicais, assegurando deste modo uma proximidade com as forças sociais do tempo.» (Pestana e Ribeiro, 2014: 168)

Américo ¹¹ começou por aprender a tocar f autas na escola primária. Em Angola, durante a guerra colonial, comprou uma gaita de foles a um soldado português.

«Ninguém me ensinou a tocar com a gaita de foles. É também como eles aprendem no Pinhal Novo [escola de formação]. São estas [f autas]. No fim depois de saberem com uma gaita destas, depois sabem com uma gaita de foles. Depois é só saber treinar ali o fole, mais nada.» (entr. Américo Gonçalves, 78 anos, 2017)

Quando se reformou foi convidado a integrar o grupo de gaiteiros do Círios dos Olhos d'Água, onde toca clarinete, embora algumas vezes seja o responsável pela gaita de foles. A maioria das músicas aprendeu de ouvido. Não obstante, possui uma mala de viagem repleta de partituras e de letras.

«Esta é a “Cabritinha”, mas isso são coisas que eu já aprendo de ouvido, não tenho a música disto. [...] Esta é o “Caminho Verde” [trauteia]. Esta já aprendi primeiro por aqui e depois é que comecei a tocar na gaita. Na gaita e no clarinete (...) Estas já são para gaita de foles. Eu só ponho os nomes de palavras que eu ouço ¹². (...) Uma vez um acordeonista lá na Atalaia disse que eu tinha mais repertório que ele, e ele toca toda a noite.» (entr. Américo Gonçalves, 78 anos, 2017)

As competências musicais de Américo, tanto na destreza com que manuseia um vasto conjunto de instrumentos como ao nível do repertório, conferem-lhe o papel de formador dos gaiteiros mais novos. Este ano, Miguel Quitério ¹⁴ participou pela primeira vez no peditório. Coube a Gonçalves ensinar-lhe o repertório, durante o trajeto do peditório:

«Eu ensinava porque eu sei as posições. Posso não saber tocar como ele, mas sei quais são as posições que utilizo. Onde é que hão-de pôr os dedos; como é que se há-de fazer para tirar aquela nota. (...) A Ana [Pereira] normalmente aprende-as num instante. Ouve-as duas ou três vezes e fica logo a saber.» (entr. Américo Gonçalves, 78 anos, 2017)

A continuidade do grupo é assegurada de modo absolutamente informal - como é predicado da organização - por meio da transmissão voluntária e f uida de conhecimentos que permitem a formação de novos músicos . Neste caso em particular, pela sua onnipresença nos momentos fulcrais das práticas, o grupo de gaiteiros do Círio dos Olhos d'Água parece ser o elemento que assegura a continuidade da tradição secular¹⁵.

No final do século passado deu-se um conjunto de circunstâncias que se traduziu, de forma gradual, na reintrodução da gaita-de-foles em novos contextos performativos, pelo que o número de praticantes cresceu exponencialmente no concelho. Esta nova ambiência musical e cultural foi fomentada pelas tentativas de recuperação da cultura popular tradicional, que emergiram um pouco por todo o país, e a que Palmela não ficou indiferente.

¹ De um conjunto de cinco círios que participam na Festa da Nossa Senhora da Atalaia (para além destes dois, também os Círios da Quinta do Anjo, da Azóia e o Círio Novo), apenas os Círios dos Olhos d'Água e da Carregueira (ambos da freguesia do Pinhal Novo, do concelho de Palmela) mantêm esta formação musical. Os restantes fazem-se acompanhar por Cavalinhos/Charangas.

² Círio dos Olhos d'Água – Associação Recreativa Cultural e Religiosa.

³ Em 1833, um violento ataque de cólera mórbus e, entre 1854 e 1857, a cólera e a febre amarela espalharam-se a sul de Portugal, sobretudo em Lisboa, onde afetaram mais de 10% da população (Almeida, 2013).

⁴ Refere-se à contratação de músicos, aos bailes, às refeições, em suma, a tudo o que, embora se pratique há várias dezenas de anos, não faz parte da promessa inicial.

⁵ Dias (2000) descreve o peditório e a Festa Grande. São evidentes as transformações ocorridas desde então, tal como a duração do peditório.

⁶ Em 2016, o grupo era constituído por José Ratinho, 70 anos ou Alberto Paciência 76 anos (caixa); Américo Gonçalves, 78 anos (clarinete), Ana Pereira, 33 anos ou Miguel Quitério 28 anos (gaita de foles) e José Barbosa «Zé China», 36 anos (bombo).

⁷ No século passado, o peditório decorria durante dois meses e era feito a pé, tanto pelos aceiros rurais como pelas ruas das vilas. Hoje, os quatro músicos percorrem os caminhos de outrora na parte traseira de uma carrinha de caixa aberta.

⁸ Exceto em situações em que tenha ocorrido um falecimento no decorrer do ano. Nesses casos impera o silêncio.

⁹ Formação musical com músicos provenientes de uma Banda, composta essencialmente por instrumentos de sopro.

¹⁰ Exclui-se desta descrição, referente à Festa de 2016, a Procissão de domingo à tarde, dado não ter sido possível acompanhar esta prática.

¹¹ Membro do grupo. Possui uma vasta e variada coleção de instrumentos musicais. Sabe tocar todos.

¹² Quando questionado sobre o nome da música, respondia que não sabia: «Eu, o nome das músicas só sei palavras que eu oiço às vezes eles a cantar. As que eu aprendo de ouvido é tudo assim, é palavras. Aquelas pautas que eu vou aprendendo, essas eu ponho o nome que está na pauta.» (entr. Américo Gonçalves, 78 anos, 2017)

¹³ Miguel Quitério é, atualmente, membro do grupo «Gaiteiros de Lisboa».

¹⁴ Esta situação não parece ser comum em contextos históricos similares. Joaquim Torres, de Torres Vedras, falou sobre a dificuldade em aprender com os músicos mais velhos, já que estes não se mostravam disponíveis para partilhar os saberes que foram incorporando numa vida inteira de performance. (APEDGF, 2008)

¹⁵ Para além da Festa da Atalaia, os músicos do grupo de gaiteiros do Círio dos Olhos d'Água participam num conjunto de outros eventos ao longo do ano: Festa dos Marítimos, em Alcochete (Páscoa); Festa Pequena ou Quinta-feira da Ascensão/ Dia da Espiga, também na Atalaia; peditório do Círio da Azóia para a Festa da Atalaia; outros peditórios e Festas dos Círios Saloios (Loures, Mafra, ...); Alvorada na Festa das Vindimas, em Palmela (setembro), e outros de forma mais irregular, tais como eventos de ordem política.



Gaitafolista durante a recriação do Mercado Caramelo, em Pinhal Novo, maio 2017.

Ao longo do século XX, as artes performativas contribuíram de forma notável para a dinamização cultural de Palmela. As Sociedades Filarmónicas¹⁶, para além da componente de formação musical, investiam fortemente na cultura cénica, sobretudo nas décadas de 40 e 50, mobilizando centenas de pessoas¹⁷. Todavia, em 1994 existia apenas um grupo de teatro amador¹⁸.

Para fazer face a este aparente estado anímico da comunidade local, o Município fez nascer, entre outros eventos, o Festival Internacional de Gigantes (FIG)¹⁹. O objetivo era claro: dotar o território de um evento parateatral capaz de mobilizar massas e gerar novas dinâmicas, numa aposta clara na Cultura Popular Tradicional (entr. Alberto Pereira²⁰, março 2017). Decorre da primeira edição a vontade de aprofundar e gerar corpos locais e 1997 é um ano determinante. Em janeiro, Domingos Morais²¹ e Rui Júnior²², com o objetivo de promoverem uma ação a nível nacional inserida na Programação Prioritária Nacional (a partir do Bombo como instrumento tradicional representativo de Portugal), convidaram a Câmara para colaborar no projeto «Percussões», a ser apresentado na Expo 98. Embora a autarquia não tenha tido condições para participar, foi possível, a partir deste primeiro contacto, realizar uma ação de formação ministrada por Rui Júnior, que deu origem ao grupo de percussão «Bardoadá – o Grupo do Sarrafo».

No decorrer este período, Paulo Marinho²³, na altura presidente da recém criada «Associação Portuguesa para o Estudo e divulgação da Gaita de foles», informou que Palmela havia sido recenseada por um conjunto de investigadores como o local mais a sul da Península Ibérica com tradição em gaita-de-foles. Nesta altura de ebulição em torno da cultura popular, deste contacto resultou o 1.º Encontro Nacional de Gaita-de-foles²⁴, em Pinhal Novo, antecedido por uma primeira ação de formação, que mais tarde deu origem à Escola de Formação de Gaiteiros dos «Bardoadá», que conta já com 16

anos de atividade²⁵. Ana Pereira, que terminou em 2018 o mandato na presidência da Associação para o Estudo e Divulgação da Gaita de Foles, começou precisamente o seu percurso por frequentar a Escola de Gaita de Fole dos Bardoadá. A descoberta do instrumento levou-a à Galiza, onde estudou na Universidade Popular de Vigo, com Antón Corral. Hoje, acompanha os gaiteiros do Círio dos Olhos d'Água pelas festas tradicionais, ao mesmo tempo que atua em diferentes contextos performativos.



Aula da Escola de Formação de Gaiteiros dos «Bardoadá», pela formadora Ana Pereira. Pinhal Novo, 2016.

Alberto Pereira afirma, convicto:

«Hoje, podemos dizer de forma segura que esta componente de música popular tradicional está salvaguardada no concelho. Os músicos não atuam apenas no FIG, como passaram a ser chamados para vários espetáculos de outros grupos, no concelho e a nível nacional. As nossas gaitas atuam por todos os itinerários das Feiras Medievais do país.»
(entr. Alberto Pereira, março 2017)

Falamos de um repertório que permite uma relação continuada com o passado, embora seja, também, alavanca para novas criações. «Heritage is not lost and found, stolen and reclaimed. Despite a discourse of conservation, preservation, restoration, reclamation, recovery, recreation, recuperation, revitalization, and regeneration, heritage produces something new in the present that has recourse to the past.» (Barbara, 1995: 370)

Hoje, a gaita de foles não é tocada exclusivamente por homens mais velhos. Passou a ser manuseada por novos e velhos, homens e mulheres, em contextos performativos tradicionais e não tradicionais. Este processo de folclorização sublinha os percursos em detrimento da autenticidade, e cria novas dinâmicas culturais por meio da promoção da cultura local, recuperando-a e atualizando-a.

BIBLIOGRAFIA

Appadurai, Arjun (1996) «Modernity at Large. Cultural dimension of globalization» Minnesota: Public Worlds, Vol. 1 (27-47)

Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita-de-Foles (2008) «Joaquim Roque. O último gaiteiro tradicional de Torres Vedras». Vila Verde: TRADISOM – Produções Culturais, Lda.

Castelo-Branco, Salwa (coord.) (2010) «Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX». Lisboa: Círculo de Leitores (Temas e debates), 4 volumes

Dias, Mário Balseiro (2000) «Círios de Caramelos». Pinhal Novo: edição da Junta de Freguesia de Pinhal Novo

Kirshenblatt-Gimblett, Barbara (1995) «Theorizing Heritage» in Ethnomusicology, Vol. 39, Nº 3. (367-80)

Marques, Luís (2005) «Tradições Religiosas ente o Tejo e o Sado – Os círios do Santuário da Atalaia». Lisboa: Assírio & Alvim

Pestana, Maria do Rosário, Ribeiro, Jorge Castro (2014) «Folclore e Folclorização no Montijo. Trânsitos e Encontros da Música e da Dança.» Montijo: Colecção Estudos Locais/Cultura. Edições Colibri

Sardinha, José Alberto (2000) «Tradições Musicais da Estremadura». Vila Verde: TRADISOM

Taylor, Diana (2008) «Performance e Património Cultural Intangível». Pós: Belo Horizonte. V.1, n.1, p.91-103, Maio

Arquivo de Fontes Orais do Museu Municipal de Palmela (AFO):

Entrevistas realizadas a Ana Pereira (2016); José Ratinho (2017), Américo Gonçalves (2017), Alberto Pereira (2017), Domingos Morais (2017), José Negreiros (2017), Mário Estanislau (2017), Paulo Marinho (2017) e Victor Félix (2017).

Filmografia:

Gaiteiros do Círio dos Olhos de Água à Nossa Senhora da Atalaia, agosto de 2016 (5 minutos)

Percursos da Gaita de Foles no concelho de Palmela (8 minutos)

¹⁶ Existem quatro Sociedades Filarmónicas no concelho: Sociedade Filarmónica Palmelense «Loureiros» (1852/ Palmela); Sociedade Filarmónica União Agrícola (1856/ Pinhal Novo); Sociedade Filarmónica Humanitária (1864/ Palmela) e Sociedade de Instrução Musical (1921/ Quinta do Anjo).

¹⁷ No período pós 25 de Abril surgiram por todo o país teatros amadores e independentes (de estrutura empresarial mas não profissional), de natureza reivindicativa e política. Este novo ciclo agonizou o teatro cénico local. Como consequência, no concelho de Palmela existia, em 1994, apenas um grupo de teatro amador ATA [Acção Teatral Artimanha].

¹⁸ ATA [Acção Teatral Artimanha].

¹⁹ A primeira edição aconteceu em 1995.

²⁰ Diretor do FIG.

²¹ Etnomusicólogo, à época consultor da Fundação Calouste Gulbenkian para Projetos de desenvolvimento curricular.

²² Fundador e dirigente do grupo de percussão «Tocá Rufar», criado para um espetáculo na Expo 98.

²³ Paulo Marinho foi um dos responsáveis pelo ressurgimento da gaita de foles, ao introduzi-la num dos grupos rock-pop com maior sucesso na década de 80, os «Sétima Legião».

²⁴ O evento foi estrategicamente integrado na programação do FIG «para que deixasse semente.» (entr. Alberto Pereira, março 2017). Vide: <http://www.gaitadefoles.net/noticias/encontro1.htm>

²⁵ As ações de formação decorrem duas vezes por semana na sala de ensaios Cave, no Mercado do Pinhal Novo, espaço disponibilizado pela autarquia.

Em destaque

Visita à exposição 80 Anos de Iluminação Pública Eléctrica. Palmela 1938. Finalmente, a Luz!

O que mais gostei foi «quando descobrimos o nome do candeeiro», «de fazer experiências», e «da luz engarrafada».

Testemunhos de Alunos do 4.º ano - Escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico de Escolas do Concelho

«O que mais me agradou foi ser possível tocar nos objectos.»

«Adorei o candeeiro público e toda a informação exposta.»

«Agradou-me bastante conhecer os aparelhos que as cabeleireiras usavam.»

Testemunhos de Professores de Escolas do Concelho

Associada às iniciativas de celebração do Ano Europeu do Património Cultural, foi inaugurada a 18 de Maio, Dia Internacional dos Museus - a exposição 80 Anos de Iluminação Pública Eléctrica. Palmela 1938. Finalmente, a Luz!



Entrevistados no âmbito da exposição

Projectando os cento e sessenta anos da iluminação pública do concelho, o discurso historiográfico desta exposição foca dois vectores fundamentais: a evolução tecnológica e a riqueza e variedade do património eléctrico, contextualizando alguns dos desafios, tecnológicos e não só, da era da *modernidade*, ou seja, nas muitas dinâmicas que transformaram a sociedade, a cultura, a mentalidade e o progresso material dos últimos oitenta anos de história do país e, em particular, do concelho de Palmela.

A exposição (que teve a duração de dez meses) foi visitada por mais de um milhar de pessoas, tendo a equipa do Museu Municipal de Palmela acompanhado e orientado mais de oito centenas desses visitantes.

Tanto os grupos escolares como o público 'indiferenciado' testemunharam como era viver *às escuras*, com os dispositivos limitados e/ou dispendiosos que a grande maioria da população não tinha maneira de iluminar a noite. Para alguns tratou-se mesmo de recordar como eram as noites na sua juventude, quando a iluminação artificial não existia, quer nas casas de famílias, quer no espaço público. As mudanças impostas pela introdução da luz eléctrica é um tema fundamental no estudo do que foi o século XX.

Com um programa pedagógico dirigido ao público escolar – e depois da visita com oficina criativa organizada pelo Serviço Educativo **MAAT** – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (antes conhecido como Museu da Electricidade) Fundação EDP –, o Museu Municipal de Palmela iniciou a actividade de Serviço Educativo logo depois da inaugurada a exposição, assinalando o Dia Internacional da Família (comemorado a 19 de Maio), com a iniciativa de uma oficina dirigida a grupos familiares «Brincar e aprender sobre energia eléctrica».



António Banza (do Serviço Educativo do MAAT – Fundação EDP) na orientação da oficina criativa «Brincar e aprender sobre energia eléctrica» na Sala Infanto-Juvenil da Biblioteca Municipal de Palmela - 19 de Maio de 2018

Respondendo a solicitações diferenciadas, a exposição tanto foi visitada pelo segmento de público 'Idade Maior' como por grupos de Associações e Escolar: turmas de alunos da Escola Superior de Educação de Setúbal, do Ensino Secundário e Profissional, e alunos do 4.º ano do 1.º ciclo do Ensino Básico (CEB), das Escolas do Concelho, das freguesias de Pinhal Novo, Marateca e Poceirão, Palmela e Quinta do Anjo.

Como sublinhámos, foi prioridade do Serviço Educativo do Museu dar a conhecer a exposição explorando os conteúdos curriculares deste público mais jovem com uma oficina temática integrando matérias complementares, como as fontes de energia ou a produção de electricidade num ambiente sustentável.

Partindo do princípio defendido por Hughes de Varine de que «(…), é preciso mostrar a acção quotidiana em si mesma, e interpretar …», os jovens e crianças das escolas do concelho foram sensibilizados para a necessidade de conhecerem a história da sua terra - do concelho que habitam - e para os desafios com que se confronta o mundo, e que passam pela necessidade de descarbonizar o planeta, e de explorar e potenciar recursos energéticos que permitam um desenvolvimento harmonioso e sustentável da sociedade, e a preservação da vida no planeta.

A visita à exposição iniciava-se no exterior.



Apresentação e recepção do grupo escolar com a observação do candeieiro de iluminação pública *cabeça-de-nabo* - Largo de S. João – Palmela

Depois de serem recebidos pela equipa do Museu, os alunos eram convidados a observarem, à sua volta, as marcas da iluminação pública, e a reflectirem sobre as diferentes fontes de combustível utilizadas pela humanidade, apercebendo-se do progresso (tecnológico e não só) conseguido ao longo de muitas gerações, partindo desse momento fundamental da descoberta do fogo e do seu domínio e exploração.

Neste exercício de estudo e observação (no fundo, de *"aprender a olhar a paisagem e a identificar o que nos rodeia"*), identificavam-se as diferentes tipologias de candeieiros: como as antigas luminárias (a óleo, azeite ou petróleo) e os primeiros candeieiros electrificados, vulgarmente conhecidos como *cabeça-de-nabo*, um ícone da nossa exposição. Activando-se os sentidos, activa-se a dinâmica mental e os discursos f uem, sempre de acordo com o perfil e os ritmos de aprendizagem dos vários grupos de visitantes escolares, no quadro de uma experiência de descoberta em conjunto.

Já na galeria da exposição, a visita orientada passava por uma abordagem dos vários momentos dessa história entre "o antes e depois da inauguração da luz eléctrica", o que pressupunha, em si, uma apropriação do tempo "No Passado dos nossos avós", era assim, "Às escuras ...".

Quisemos que os nossos jovens experimentassem as sensações de antigas vivências domésticas, através da descoberta e do manuseamento de objectos associados à iluminação em tempos idos, objectos que integram o programa expográfico, enquanto artefactos da cultura material desse passado de que somos herdeiros.

A actividade integrava vários desafios, como os processos de preparação da refeição (utilizando um fogareiro a petróleo), do tratamento da roupa (com o ferro de engomar a carvão), do embelezamento feminino da cabeleira (muito popular entre as senhoras), mediante a frisagem permanente do cabelo (conseguido com um aparelho de ondulação a petróleo), ou da iluminação nocturna do espaço doméstico (com candeias a óleo e azeite e candeieiro a petróleo). Também se focava o aquecimento desse espaço, conseguido com os aparelhos de conforto, como os caloríferos a petróleo.



Conjunto de imagens sobre a experiência da visita orientada

Aprender a estar, a ouvir, a respeitar opiniões e entendimentos distintos dos nossos, ou saber intervir em público, foram algumas das competências educativas desenvolvidas nesta exposição, no âmbito das visitas orientadas pela equipa do Serviço Educativo do Museu Municipal.

A exposição temporária encerrou a 30 de Março de 2019. O catálogo foi apresentado a 28 de Março, no Dia Nacional dos Centros Históricos.

Nessa ocasião, fez-se uma nova visita orientada ao Centro Histórico de Palmela.

A iniciativa, que uniu pessoas de diferentes gerações, integrou os alunos do 10.º e 11.º ano do curso profissional de Turismo e Turismo e Comércio, da Escola Secundária de Palmela, sendo, também, uma forma deste grupo de jovens adquirir saberes e fortalecer os seus laços culturais no âmbito do projecto «Conquistar o Sucesso» do Plano Inovador de Combate ao Insucesso Escolar.



A visita ao Centro Histórico de Palmela acima mencionada.

O percurso, feito a diferentes vozes, contou com vários munícipes que, connosco, partilharam - mais uma vez - as suas memórias acerca destas temáticas. Todos juntos fomos descobrindo e comentando as marcas do Património Eléctrico e da Iluminação Pública, elementos que, naturalmente, contextualizam o desenvolvimento da Vila de Palmela ao longo dos séculos. Oitenta anos passados de inaugurada a luz eléctrica, tentou-se encontrar na leitura do território a memória desse património eléctrico e das múltiplas fontes de energia que, no último milénio, alimentaram o nosso progresso material e cultural.

Maria Leonor Campos e Sandra Abreu Silva *
Museu Municipal de Palmela |Serviço Educativo

*As autoras não seguem as normas do novo Acordo Ortográfico.

BIBLIOGRAFIA

SANTOS, Maria Célia Moura - *MUSEU, ESCOLA E COMUNIDADE - Uma integração necessária*. Programa(s) Museu-Escola na Cidade do Salvador. Serviço Nacional do Património Histórico e Artístico Nacional/Secretarias Estaduais de Educação – Directoria Regional / Pró-Memória. Sistema Nacional de Museus-curso de Museologia. Salvador da Baía-Brasil, 1989

Créditos fotográficos: Sandra Abreu Silva

A Exposição temporária *80 anos de iluminação pública Eléctrica em Palmela. Finalmente a Luz!* proporcionou a todos os que a visitaram uma experiência fantástica, para descobrir a produção de energia eléctrica do passado ao presente.

O contacto com os objetos desse tempo, testemunhos de habitantes do concelho, tornaram a exposição muito enriquecedora e educativa, permitindo olhar para ela com os “olhos das gentes” daquele tempo.

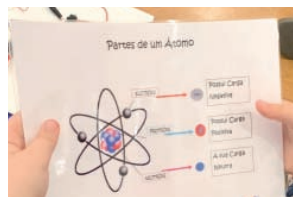
Para a comunidade educativa as oficinas lúdico-pedagógicas da Electricidade complementaram as visitas orientadas à Exposição, valorizando a evolução da ciência e tecnologia. Este espaço teve como objetivo procurar conhecer como a eletricidade chega às nossas casas, a descoberta do átomo, reconhecer a necessidade de usarmos formas de energia não ou pouco poluentes, experimentar a condutividade e fazer pequenos circuitos eléctricos...

Com o projeto **yeah!** as crianças entraram no mundo maravilhoso da ciência e compreenderam o **como** e o **porquê?** na área da electricidade.

Toda a exposição proporcionou às crianças momentos de prazer, despertando nelas o gosto e o interesse pela história, pela ciência e pela investigação. **yeah!** Experimentar, brincar, explorar e conhecer...

Marta Carvalho

“YEAH!” - Oficina pedagógica de Electricidade



O entusiasmo geral de alunos e professores participando na oficina pedagógica de Electricidade - iões, protões, neutrões, matéria, força da gravidade, combustíveis, fonte de energia... foram algumas das palavras e conceitos tratados na oficina. Os Alunos aprendem a origem da electricidade e a transformação que, desde 1938, ilumina ruas e casas do concelho.

Património Local...

Intervenção Arqueológica no Castelo de Palmela | Resultados Preliminares

No âmbito da Intervenção de natureza estrutural para evitar derrocadas nas encostas do Castelo de Palmela, promovida pela Câmara Municipal de Palmela, estão a ser desenvolvidos trabalhos arqueológicos tendo como objetivo o acompanhamento da progressão da empreitada e a realização de escavações arqueológicas. Da responsabilidade da empresa Arqueohoje, Lda, tais ações estão a ser desenvolvidas sob a direção científica do arqueólogo Luís Filipe Pereira (Arqueohoje, Lda), contando com a colaboração da arqueóloga Marina Évora (Arqueohoje, Lda).

A ocupação islâmica do Castelo de Palmela está fortemente documentada na História de Portugal, e muito bem evidenciada através das ruínas e do espólio arqueológico que se contemplam no interior da fortificação, revelando alguns aspetos sobre a vivência das gentes que outrora habitavam e combatiam pelo domínio deste território.

Construído nas primeiras décadas, após a ocupação islâmica da Península Ibérica, ainda no século VIII (período do emirado Omíada), o Castelo de Palmela foi sucessivamente ocupado por esta cultura (período Almóada) até ser definitivamente conquistada pelos exércitos cristãos em 1194, já no reinado de D. Sancho I. Detendo de um amplo domínio visual sobre a serra da Arrábida, sobre o estuário do rio Sado e avistando ao longe o Tejo, esta fortificação desempenhou um papel determinante, do ponto de vista estratégico, ao longo dos séculos seguintes, tendo sido com a doação do castelo e do território sob seu domínio pelo rei "Povoador" que a Ordem de Santiago da Espada se instala nele e constrói a sua sede, marco também decisivo para o avanço da "Reconquista Cristã" para Sul.

A realização destes trabalhos arqueológicos surge como medida preventiva e de salvaguarda do monumento e de todos os contextos históricos e arqueológicos associados, sendo alvo de intervenção a área do Baluarte Sul, zona esta que apresenta claros sinais de instabilidade estrutural.

Com resultados surpreendentes, a presente investigação têm vindo a identificar novas evidências arqueológicas e a recolher inúmeros vestígios da cultura material proveniente dos diferentes estratos sedimentares cronologicamente identificados, contribuindo e enriquecendo o estado de conhecimento do período medieval do Castelo de Palmela. Os artefactos exumados são bastante diversificados e abundantes, representando bons testemunhos da(s) vivência(s) dos seus habitantes ao longo dos séculos. Todos estes novos dados complementam e contribuem para um melhor entendimento sobre a ocupação humana nesta área do castelo. A descoberta de um conjunto significativo de estruturas negativas, escavadas no substrato geológico, cuja função principal seria de silos de armazenamento de bens alimentares, bem como restos de um muro, indiciam que a configuração

desse espaço terá sido muito diferente no período medieval, impercetível na atualidade devido às profundas transformações e alterações que esta área e o castelo foram sujeitos ao longo da sua história.

Os vestígios arqueológicos postos a descoberto aparentam tratar-se de construções da fase plena de ocupação islâmica do castelo, possivelmente do século X-XI, ou mesmo anterior, e que no entanto foram, ou estavam, em abandono a partir da segunda metade do século XII, altura que seguramente foram completamente atulhadas e seladas, eventualmente aquando de uma reformulação ou alteração do castelo durante a ocupação cristã, a partir do século XIII.

De igual relevância para a compreensão da dinâmica de ocupação do castelo, inserem-se os inúmeros artefactos cerâmicos, vítreos, metálicos e faunísticos, entre outros, que foram recolhidos dos diferentes estratos sedimentares, bem como a identificação de estruturas que se inserem no período moderno e contemporâneo. As peças exumadas fornecem preciosas informações que complementam o conhecimento sobre os hábitos alimentares e das diversas atividades associadas à ocupação militar do Castelo de Palmela, dos últimos freires santiaguistas e dos poucos civis que também o habitavam, em particular no período contemporâneo.



Luís Filipe Pereira, Arqueólogo
Arqueohoje, Lda

Em agenda...

9 março a 2 outubro
Museu da Música Mecânica

Exposição «Paisagem sonora – a Gaita de fole» Exposição do Museu Municipal de Palmela

A Gaita de fole é um instrumento que tomou forma a partir da matéria-prima disponível na natureza, começando por preencher a imensidão dos pastos com um som inconfundível. É paisagem sonora que nos fascina, e que tem expressão singular no concelho de Palmela. As ações dos dias 18 de maio e 15 de junho fazem parte do programa de animação da exposição.

Horário: 3.ª a dom. - 14h30-17h30 | Encerra 2.ª e dom. de Páscoa
Acesso com o bilhete de entrada no Museu
Org.: Câmara Municipal de Palmela
Parcerias: Museu da Música Mecânica, Festival Internacional de Gigantes (FIG), Associação Portuguesa para o Estudo e Divulgação da Gaita de foles, Círio dos Olhos d'Água, Círio da Carregueira e Bardoadá – Grupo do Sarrafo



15 junho | 11h00
Museu da Música Mecânica

Oficina de Gaita de fole, por Ana Pereira

Existem no mundo mais de 400 tipos diferentes de gaitas-de-fole. Grande parte delas encontram-se na Europa e só em Portugal existem 4 tipos, com dezenas de variações por todo o país. Numa viagem didática, os participantes ficarão a conhecer as suas origens e diferenças - ganhando consciência de que as gaitas-de-fole também fazem parte da tradição portuguesa e das tradições de Palmela -, poderão ouvir os seus diferentes sons de gaitas-de-fole existentes em Portugal, e experimentar o próprio instrumento.

Duração: cerca de 1h, em função do n.º de participantes
Número mínimo e máximo de participantes: 8 / 15
Participação gratuita, mediante inscrição e por ordem de chegada
Insc./info.: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt | 212 336 640

Espaço Cidadão – Largo do Mercado, Palmela Exposição «Espaço Cidadão: Fragmento a fragmento, o que a Arqueologia nos diz»

Abordagem ao património arqueológico do Espaço Cidadão, um sítio arqueológico de relevância para o conhecimento da vila de Palmela, desde a baixa Idade Média até ao século XX.

Entrada gratuita
Horário: 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª - 8h30-17h30 | 4.ª - 8h30-18h30
Org.: Câmara Municipal de Palmela e Junta de Freguesia de Palmela



1 junho, 6 julho, 3 agosto, 7 setembro,
12 outubro, 2 novembro e 7 dezembro

Visitas guiadas

10h00 | Igreja de Santiago
(ponto de encontro)
Castelo de Palmela*
14h30 | Chafariz de D. Maria
(ponto de encontro)
Centro Histórico da Vila de Palmela

Visitas orientadas por Dr. António Lameira – Historiador e Voluntário do Museu Municipal de Palmela
*Em curso obras que podem condicionar o acesso a alguns espaços
Insc.: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt ou 212 336 640
Limite de inscrições: 15 (até às 12h00 da antevéspera do dia da visita)
Duração: 1h30 | Frequência gratuita
Org.: Câmara Municipal de Palmela



12 a 16 junho
Cineteatro S. João e
Biblioteca Municipal de Palmela



VIII Encontro sobre Ordens Militares – 30 anos Ordens Militares, Identidade e Mudança

Em 1989, o município de Palmela iniciou um trabalho ininterrupto que, este ano, comemora 30 anos dedicados à investigação em Ordens Militares, contando com a publicação de diversos livros, realização de exposições, de cursos anuais e de encontros internacionais de 4 em 4 anos. O trabalho conta com diversificadas parcerias, tendo por base acordos de colaboração com as universidades portuguesas que têm esta área de estudos nos seus planos curriculares.

Além do balanço da historiografia europeia sobre a temática, nestes 30 anos, outras áreas de investigação estarão em debate, a saber: Espiritualidade e Vida Religiosa; Casas e Comendas; as Ordens Militares e o Outro; Poderes e Diplomacia; Redes e Mobilidade; Mesa Redonda: A Ordem de Cristo: 700 anos (1319-2019).

Org.: Câmara Municipal de Palmela
Patrocínio e apoios: Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República

CIDEHUS – Universidade de Évora | IEM – FCSH – Universidade Nova de Lisboa | Casa Ermelinda Freitas | Rota de Vinhos da Península de Setúbal | Santa Casa da Misericórdia de Lisboa | Município de Setúbal | Caetano Sport | AUDI

COM O ALTO PATROCÍNIO DE SUA EXCELÊNCIA



O Presidente da República



15 junho | 18h30 | Cineteatro S. João
Clarinetes de Santiago

Espectáculo aberto ao público

Consulte o programa no site do município www.cm-palmela.pt

Edições em destaque... Fundos documentais para consulta pública

GABINETE DE ESTUDOS SOBRE A ORDEM DE SANTIAGO (GEsOS)

FERNANDES, Isabel Cristina F. (Coord.) – *Entre Deus e o Rei. O Mundo das Ordens Militares. VII Encontro sobre Ordens Militares*, Palmela: Câmara Municipal, 2018 (2 vols.)



MUSEU MUNICIPAL DE PALMELA

CAMPOS, Maria Leonor - *80 Anos de Iluminação Pública Eléctrica. Palmela 1938. "Finalmente, a Luz!"*, Palmela: Câmara Municipal, 2019

GONÇALVES, Victor S; SOUSA, Ana Catarina; SANTOS, Michelle – *A necrópole de Grutas Artificiais do Casal do Pardo (Quinta do Anjo, Palmela. 3200-2000 anos antes da nossa era). Um guia curto e alguns comentários*, Palmela: Câmara Municipal, 2018 (distribuição condicionada à disponibilidade)



SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | Em investigação... Percursos da Gaita de Foles no concelho de Palmela (Parte II)

6 | Em destaque... Visita à exposição *80 Anos de Iluminação Pública Eléctrica. Palmela 1938. Finalmente, a Luz!.* Um programa do Serviço Educativo do Museu Municipal

9 | Património local... Intervenção arqueológica no Castelo de Palmela – Resultados Preliminares

10 | Em agenda...

11 | Edições em destaque... no GEsOS e no Museu Municipal – fundos documentais para consulta pública

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela / Divisão de Cultura, Desporto e Juventude (DCDJ)
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município, 2951-505 PALMELA
Telefone: 212 336 640 | e-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | **Coordenação editorial:** Coordenadora da área de Património Cultural da DCDJ/Museu Municipal | **Colaboram neste número:** Diogo Ferreira (Investigador integrado do Instituto de História Contemporânea – FCSH-UNL), Luís Filipe Pereira (Arqueohoje Lda.), Maria Leonor Campos, Marta Carvalho (YEAH!), Teresa Sampaio, Sandra Abreu Silva
Design: Filipa Reis e Moura | **Impressão:** Regiset | **Código de edição:** 427/2019 (3000 exemplares) | **ISBN:** 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com um artigo de Diogo Ferreira *Vidas Anónimas e Gente Comum: Contributo para o percurso militar de alguns naturais do concelho de Palmela durante a Grande Guerra (1914-1918)*